



IV Simpósio Internacional de Acolhimento Familiar

Campinas/SP – 20 a 23 de março de 2023

Apresentação oral - resumo

Realização



UNICAMP



INSTITUTO
Geração Amanhã

Acolhimento familiar: a mediação social como recurso de trabalho

Paulo Delgado
Rachel Baptista

Introdução: O acolhimento de crianças em ambientes familiares está consolidado nas leis de portuguesas e brasileiras. Esta modalidade protetiva prima pela proteção e cuidado em lares já constituídos e capazes de promover estabilidade e permanência segura para aqueles cujos ambientes de pertencimento se encontram em situação de crise. O contexto luso e brasileiro tem muitas similaridades no que tange ao trabalho com a política pública de família acolhedora. Em ambos países o recurso da institucionalização é frequente e, em geral, se sobrepõe à utilização do encaminhamento de crianças vítimas de violações de direitos às famílias de acolhimento. Além disso, a falha na formação do técnico enquanto educador social de perfil mediador é outra semelhança observada. A medida de afastamento proposta no acolhimento familiar deve ser excepcional e provisória objetivando o melhor interesse da criança no que se refere à reunificação. Entretanto, o trabalho neste contexto é bastante complexo e desafiador levando os profissionais sociais a atividades nem sempre condizentes com sua formação inicial. Em muitos casos falta-lhes o devido treinamento e/ou aprimoramento de capacidades já adquiridas. **Objetivo:** A partir da demanda em questão se pretende problematizar o lugar do técnico de acolhimento no âmbito dos países estudados. Método A partir de revisão bibliográfica e análise crítica dos testemunhos apresentados, o texto se baseia em uma busca refinada de bases de dados brasileiros e portugueses. Relativamente à base bibliográfica os autores priorizaram a leitura de documentos políticos, institucionais, artigos, teses ou manuais assim como depoimentos de crianças, acolhedores, famílias e profissionais. **Resultados:** A incorporação da Educação Social no contexto cultural estudado visa aprimorar o desenvolvimento pessoal e social a nível de implementação de respostas estratégicas permitindo a ampliação do protagonismo dos atores envolvidos no processo (CARVALHO; CARIDE, 2016). Além disso, proporciona o empoderamento e autonomia levando a um desenvolvimento social respaldado na crítica e criação de projetos de vida baseados em realidades individuais e apoiadas em redes sociais mais amplas (CARRICA-OCHOA & GARRO-GIL, 2018; ÚCAR, 2016). O educador social é alguém inserido em um processo educativo constante trabalhando na transformação efetiva da sociedade e agindo de maneira dinâmica e crítica a respeito de cada realidade, suas potencialidades e necessidades de ajustes (CARIDE, 2016). É capaz de mediar situações sem a necessidade de excessiva judicialização dos acordos, primando pela transformação baseada nas diferentes formas de relação, priorizando uma

aproximação efetiva e eficaz optando pela coparticipação dos interessados valorizando as narrativas individuais (ROSA MARÍ, 2010; SALA-ROCA, 2019). Os serviços de acolhimento apresentam profissionais com formações, em geral, incluídos nas áreas da saúde e sociais. Essencialmente os técnicos deveriam trazer consigo o conhecimento de alguns assuntos relevantes da prática diária do acolhimento familiar, a saber: mediação, domínio de legislação referente ao tema, noções de desenvolvimento, direitos humanos, avaliação diagnóstica, planejamento, recrutamento e seleção, dentre outros (BARROS, 2015). Autores ligados à prática social reforçam a importância dos contatos produtivos entre os envolvidos no acolhimento primando pela escuta especializada e preparação pessoal adequada para lidar com tantas questões mobilizadoras de sentimentos relativos à vinculação, separações, luto, aceitação, impotência, dentre outros (JACOBINA E PAIVA 2020; DOLENGA, 2019). Além disso, portarem a capacidade de olhar de maneira crítica e, na medida do possível, isenta de preconceitos facilitando um manejo adequado dos processos de reunificação e reintegração familiar empoderando as famílias de origem em sua reconstrução pessoal e social e facilitando o resgate da autonomia pessoal (DELAP; WEDGE, 2016; BAPTISTA, 2018). Outro aspecto importante no cenário dos trabalhadores do acolhimento é a necessidade de saber estabelecer diálogos abertos e sinérgicos com as famílias de origem para que as mesmas possam ser co-partícipes nas escolhas relativas aos seus filhos e apoiadas em suas necessidades mesmo a nível logístico e prático nas intercorrências do dia a dia (DELGADO et al. 2018). Assim como os adultos, as crianças igualmente carecem de escuta e acompanhamento especializado (TIMÓTEO & ALHEIRO, 2013). A atuação como gestor e mediador de situações diárias complexas exige dos técnicos o desenvolvimento de habilidades de diálogo baseadas na comunicação não violenta. O trabalho com as famílias de origem pode ser complexo e depende também do esforço mútuo entre famílias e técnicos no sentido de promover o regresso da criança, quando possível e seguro, baseando-se no resgate de competências parentais anteriormente interrompidas ou mesmo perdidas (CARVALHO; DELGADO & PINTO, 2019). Em ambos países, a retirada, permitida ou não, da criança de sua família de origem pode gerar sentimentos de impotência, revolta, depressão, ansiedade e/ou outros transtornos associados a situações de muita tensão para todos os envolvidos, inclusive os técnicos. Muitas vezes a criança é exposta a outra situação de violência no momento da intervenção para a separação e o acolhimento é essencial para que a situação possa se dissipar e possibilitar a retomada do trabalho com base no entendimento e construção de parcerias sustentáveis e, sempre que possível, consensuais. Este perfil profissional está alinhado com as bases do técnico social mediador. Conclusões O texto reflete sobre a importância do papel do profissional de

acolhimento enquanto mediador social tanto no contexto luso quanto brasileiro. Ambos países se assemelham em sua tratativa nos casos de acolhimento familiar e as principais demandas relativas aos seus profissionais no dia a dia da atuação prática. A proposta de trabalho neste âmbito prioriza o protagonismo dos atores, entretanto aponta para a falha nos acompanhamentos das famílias por razões diversas. No contexto do acolhimento familiar a atuação dos técnicos precisa estar alinhada com a escuta especializada e ativa em sintonia com toda a equipe e atravessada pela postura empática, crítica e sinérgica possibilitando a mediação segura e eficaz com objetivos claros na busca do atendimento ao melhor interesse da criança primando, sempre que possível, pela rápida reunificação familiar. O profissional de acolhimento é uma terceira pessoa imparcial com a função de facilitar o diálogo e auxiliar na comunicação e resolução de conflitos. Ele pode fazer a diferença no momento de tomada de decisão e facilitar a criação de um ambiente propício para emergir os desejos, sentimentos ocultos e reais necessidades das famílias apoiando-as de forma positiva na solução satisfatória de uma relação colaborativa a partir do seu encorajamento e potencialização. Entretanto, é preciso se investir na formação dos técnicos, acreditar no potencial do acolhimento familiar enquanto alternativa protetiva viável para algumas famílias e viabilizar propostas de trabalho neste contexto a médio e longo prazo. A escassez de estudos sobre a temática aponta para a necessidade de aprimoramento e investimento em pesquisas para que se possa retratar as diferentes realidades e demandas de famílias em acolhimento, assim como, seus técnicos responsáveis e os inúmeros desafios que perpassam a prática profissional.

Referências

- BAPTISTA, R. F. Infâncias em famílias acolhedoras: perspectivas e desafios da reintegração familiar. 2018. 215 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BARROS, K. B. T. O direito à convivência familiar e comunitária: um estudo sobre o Programa Família Acolhedora na cidade de São Luiz nos anos de 2012 e 2013. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2015.
- CARIDE, J. La mediación como pedagogía social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social. In: VIEIRA, R. et al. (Org.). Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social. Porto: Edições Afrontamento, 2016. p. 13-26.
- CARRICA-OCHOA, S.; GARRO-GIL, N. Para qué la Pedagogía/Educación Social hoy? Retos para el encuentro reflexión/acción. In: COLECTIVO JIPS (Org.). Desafios para la Educación Social en tempos de cambio. Málaga: Ediciones Aljibe, 2018. p. 123-144.
- CARVALHO, J. M. S.; DELGADO, P.; PINTO, V. S. O contacto no acolhimento familiar. Discursos, representações e desafios para o desenvolvimento da relação entre famílias e profissionais. Configurações, Braga, v. 23, p. 31-52, 2019.
- DELAP, E.; WEDGE, J. Guidelines on Children Reintegration [GCR]. Inter-Agency Group on Children's Reintegration [IAGCR]. Foundation, 2016. Disponível em:

<http://bettercarenetwork.org/sites/default/files/Guidelines%20on%20Children%27s%20Reintegration%20DIGITAL%20.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.

DELGADO P. et al. Family contact in foster care in Portugal. The views of children in foster care and other key actors. *Child & Family Social Work*, Nova Jersey, v. 24, n. 1, p. 1–8, 2018.

DOLENGA, P. C. M. Implantação do Programa Família Acolhedora no município de Paranaguá-PR. 2019. 90 f. Monografia (Graduação em Serviço Social). Universidade Federal do Paraná, Paraná.

JACOBINA, L. F.; PAIVA, I. L. Aconchego do Lar: Discutindo o Serviço de Acolhimento Familiar. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 18, n.1, p. 1-23, 2020.

SALA-ROCA, J. Parentalidad profesional en el acogimiento institucional: propuesta para mejorar la atención a los niños acogidos en centros de protección. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, Sevilla, n. 34, p. 97-109, 2019.

TIMÓTEO, I.; ALHEIRO, A. A perspectiva das crianças acolhidas. In: DELGADO, P. (Coord.). *Acolhimento Familiar de Crianças. Evidências do presente, desafios para o futuro*. Porto: Livpsic, 2013. p. 141-161.

ÚCAR, X. *Relaciones Socioeducativas. La Acción de los profesionales*. Barcelona: Editorial UOC, 2016.